

## ESCRITOS ANTIPUNITIVISTAS SOBRE EDUCAÇÃO E CONSCIÊNCIA NA EXPERIÊNCIA DA COOPERATIVA ARTE MARGINAL

### ANTI-POSITIVIST WRITINGS ON EDUCATION AND CONSCIENCE IN THE EXPERIENCE OF THE MARGINAL ART COOPERATIVE

Camila Gibin Melo<sup>1</sup>

#### RESUMO

O presente artigo tem como objetivo apresentar reflexões acerca das possibilidades e dos limites para a formação da consciência e da identidade de classe junto aos adolescentes criminalizados e em cumprimento de medida socioeducativa. Para isto, apresentaremos a experiência educativa “Cooperativa Arte Marginal”, nascida de uma situação inusitada de suposto ato infracional e que se tornou em uma saída antipunitivista e educativa. Utilizamos os estudos de Marx e Engels sobre consciências para elaborar sobre a experiência, bem como das elaborações da pedagogia socialista de Anton Makarenko. Como síntese, concluímos que ações coletivas permitem saltos significativos para o processo de formação da consciência crítica e da identidade de classe, ainda que limites permaneçam colocados.

**Palavras-chave:** consciência de classe, medida socioeducativa, adolescentes, antipunitivismo, Makarenko.

#### ABSTRACT

This article aims to present reflections on the possibilities and limits for the formation of class consciousness and identity among criminalized adolescents and adolescents in compliance with socio-educational measures. To this end, we will present the educational experience

---

<sup>1</sup> Formada em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2008), mestrado (2014) e doutorado (2022) em Serviço Social pela mesma instituição.

## ESCRITOS ANTIPUNITIVISTAS SOBRE EDUCAÇÃO E CONSCIÊNCIA NA EXPERIÊNCIA DA COOPERATIVA ARTE MARGINAL

"Marginal Art Cooperative", born from an unusual situation of an alleged infraction and which became an anti-punitive and educational solution. We use Marx's and Engels' studies of consciousness to elaborate on experience, as well as Anton Makarenko's elaborations of socialist pedagogy. As a synthesis, we conclude that collective actions allow significant leaps in the process of formation of critical consciousness and class identity, even if limits remain in place.

**Keywords:** class consciousness, socio-educational measure, adolescents, anti-punitivism, Makarenko.

### 1. INTRODUÇÃO

*... A polícia me quebrou mesmo, me torturou, eu tinha 15, 16 anos. Eram dois policiais numa viatura, e depois chegou mais três, eram cinco. Juntou os cinco, chamou delegado, molhou toda a cela e pegaram os taser pra dar choque. Aí eu me caguei, vomitei, comecei a passar mal, aí quando os caras viram que eu tava zuadão mesmo vendo que ia acontecer alguma coisa eles pararam. Aí eles ficaram dando lição de moral, falando que queria me matar, me deixaram dois dias, e me mandaram pra Fundação<sup>2</sup>...Lá na internação eu já tava com 16 anos. O tratamento com os muleque não é nado do que falam que é. [...] Tortura já teve da parte de funcionário e dos menor entre os menor, mas dos funcionário teve muito mais, qualquer coisa eles vão bater o quanto quiser, se eles não gostar, se tiver com raiva. Eles já desmaiaram um dos muleque, inclusive um muleque que te contei que ele se enforcou lá, ele se matou porque apanhava pra caralho lá. (SILVA, 2017)*

A narrativa de Alexandre apresenta elementos que atravessam a vida da juventude pobre nas relações capitalistas. Sua voz merece escuta atenta para que a trama e os desdobramentos na formação da identidade e da consciência de classe da juventude criminalizada, tema do presente artigo.

---

<sup>2</sup>A Fundação Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente (Fundação CASA/SP), anteriormente chamada "Fundação Estadual para o Bem Estar do Menor" (FEBEM), é uma autarquia criada pelo Governo do Estado de São Paulo e vinculada à Secretaria de Estado da Justiça e da Defesa da Cidadania. Sua função é executar as medidas socioeducativas em meio fechado aos adolescentes criminalizados pelo Sistema Penal Juvenil.

## ESCRITOS ANTIPUNITIVISTAS SOBRE EDUCAÇÃO E CONSCIÊNCIA NA EXPERIÊNCIA DA COOPERATIVA ARTE MARGINAL

Com o aumento da taxa decrescente do valor de uso em detrimento do valor de troca, o cenário da desigualdade social tem se intensificado. Segundo o “Mapa da Nova Pobreza”, desenvolvida pelo Fundação Getúlio Vargas (FGV), o contingente de pessoas com renda domiciliar per capita de até R\$ 497 mensais chegou a 62,9 milhões de brasileiros em 2021 (29,6% da população total do país). De acordo com documento publicado pela Organização Internacional do Trabalho, intitulado Tendências Globais de Emprego para a Juventude 2020<sup>3</sup>, 30% dos jovens não possuem trabalho, sendo essa taxa de desemprego o dobro da média mundial.

A precarização, a terceirização, a informalidade do trabalho atingem em especial a juventude filha da classe trabalhadora, quando não ocupam as altas taxas no índice de desemprego. Essa parcela da população tornar-se alvo permanente dos aparatos de controle do Estado, cenário correspondente à continuidade da política eugenista brasileira atingindo os negros e indígenas. O projeto de nação defendido pela elite brasileira desde o fim da escravidão (1888) impulsionou ações que culminaram no extermínio dos grupos não brancos através da miscigenação, da interrupção definitiva da vida e do encarceramento (GÓES, 2015).

Ocupando o 3º lugar dentre os países que mais encarceram no mundo, em 2020, o Brasil possuía 919.951 adultos privados de liberdade, segundo dados do Departamento Penitenciário Nacional (Depen). Quanto aos adolescentes, o número é de 20.532, segundo o Mapa do Encarceramento, publicado em 2014, chegando a mais de 100 mil quando somados àqueles que respondem ao Sistema Penal Juvenil em cumprimento de medidas em meio aberto (Liberdade Assistida e Prestação de Serviço à Comunidade).

Diante desse contexto de fragmentação do trabalho, de enfraquecimento das lutas populares e sindicais, de empobrecimento material e espiritual da classe e do aumento da violência do Estado, quais são as condições que se configuram à construção da identidade de classe? E no caso da juventude criminalizada, com uma trajetória como a descrita por

---

<sup>3</sup><https://noticias.uol.com.br/colunas/jamil-chade/2022/08/11/um-a-cada-quarto-jovens-brasileiros-nao-trabalha-e-nem-estuda-diz-oit.htm>. Acessado em 3/07/2023.

## **ESCRITOS ANTIPUNITIVISTAS SOBRE EDUCAÇÃO E CONSCIÊNCIA NA EXPERIÊNCIA DA COOPERATIVA ARTE MARGINAL**

Alexandre, como se apresenta a formação da sua consciência de classe? E como a dimensão ideopolítica do Serviço Social pode contribuir para a formação da identidade de classe da juventude criminalizada?

Para desenvolver reflexões sobre as referidas questões, apresentaremos o artigo da seguinte forma: a primeira parte tratará sobre a formação da consciência de classe entre a juventude criminalizada, a partir dos estudos de Marx e Engels sobre consciência. No segundo momento, traremos diálogos sobre esse tema a partir da perspectiva educativa do pedagogo ucraniano Anton Makarenko<sup>4</sup>. Por fim, traremos registros de nossas (des)venturas educativas, apresentando a experiência da Cooperativa de serigrafia Arte Marginal junto aos jovens em cumprimento de medida socioeducativa em meio aberto da cidade de São Paulo.

### **2. CONSCIÊNCIA, IDENTIDADE DE CLASSE E JUVENTUDE CRIMINALIZADA**

Para Marx, no capitalismo, as classes estão divididas entre aos donos dos meios de produção (burguesia) e os que vendem o tempo de sua força de trabalho em troca de salário (proletariado). A consolidação da identidade enquanto grupo pertencente se dá no interior das lutas de classes, não havendo uma relação direta e automática entre a condição econômica precária de sua existência com a identificação de si enquanto pertencente ao conjunto da classe trabalhadora.

Isso porque o pensamento hegemônico corresponde ao grupo econômico dominante de cada período histórico. Nas relações sociais capitalistas, o modo de produção e de reprodução da vida é balizado nos interesses da burguesia, o que contribui com o não reconhecimento automático do trabalhador enquanto classe trabalhadora. A criação de uma consciência do consenso, sendo a Forma Jurídica e a Forma Política centrais para tal, permitem uma administração da luta de classes por parte da burguesia, a partir de seus próprios valores.

---

<sup>4</sup>A escolha pelo referido autor se deu em virtude de sua qualificada documentação sobre suas experiências educativas junto a jovens criminalizados em um contexto revolucionário, em que a preocupação foi construir metodologias capazes de contribuir com a formação dos valores socialistas.

## ESCRITOS ANTIPUNITIVISTAS SOBRE EDUCAÇÃO E CONSCIÊNCIA NA EXPERIÊNCIA DA COOPERATIVA ARTE MARGINAL

É em A ideologia Alemã, que Marx e Engels afirmam sobre a construção histórica e material da consciência. “A consciência, portanto, é desde o início um produto social, e continuará sendo enquanto existirem homens” (1999, p. 43), a qual é consciência do ser natural e do ser social, que se desenvolve em razão do desenvolvimento produtivo. Assim:

A produção de ideias de representações, da consciência, está, *de início*, diretamente entrelaçada com a atividade material e com o intercâmbio material dos homens, como a linguagem da vida real. O representar, o pensar, o intercâmbio espiritual dos homens, aparecem aqui como emanção direta de seu comportamento material. O mesmo ocorre com a produção espiritual, tal como aparece na linguagem da política, das leis, da moral, da religião, da metafísica etc. de um povo. (MARX e ENGELS, 1999, p. 36. Grifos nosso)

Da fase tribal, passando a comunal, feudal e então capitalista, se complexificou a organização da produção e, portanto, da reprodução da vida. O que temos é a formação da consciência a partir da realidade como pressuposto, ou seja, da “terra ao céu”, e não seu oposto. (MARX e ENGELS, 1999, p. 37).

Portanto, a consciência compõe um desdobramento da organização concreta da vida social, suas formas de produção e de reprodução da vida. E por isso, a própria formação da consciência e da identidade de classe ganha complexidades conforme as transformações do capitalismo, parte de sua reprodução ampliada.

Com as diferentes fases da reestruturação capitalista, atualizando os processos produtivos e organizativos diante do avanço tecnológico e científico, há transformações profundas, o que ocasionou, ao mesmo tempo, mudanças na subjetividade da classe. O contexto neoliberal brasileiro, a partir dos anos 70, e com sua generalização nos anos 90, expressou essas transformações: do fordista/taylorista para continuidades/descontinuidades ao modelo toyotista, a desregulamentação dos contratos de trabalho, com aumento da informalidade e subcontratos, o desemprego e aumento da exploração. (ANTUNES, 1995)

Nesse cenário, os jovens “sem perspectivas de emprego, acabam muitas vezes engrossando as fileiras dos trabalhos precários, dos desempregados, sem perspectivas de trabalho, dada a vigência da sociedade do desemprego estrutural” (ANTUNES; ALVES, 2004, p. 339). O exército industrial de reserva é engrossado com as filas de jovens

## ESCRITOS ANTIPUNITIVISTAS SOBRE EDUCAÇÃO E CONSCIÊNCIA NA EXPERIÊNCIA DA COOPERATIVA ARTE MARGINAL

desempregados, os quais, ausentes da disciplina do mundo laboral, passam a ser alvos do aparato de repressão do Estado.

Sendo a produção da consciência fruto das relações produtivas de cada momento histórico, no contexto do capitalismo neoliberal, terreno de estímulo ao falseamento do empresário de si mesmo, a juventude pauperizada apreende o individualismo e o egoísmo como virtudes, e disputa não apenas a entrada no mercado de trabalho, mas ainda almeja postos que, mesmo de extrema precariedade, possam ser considerados como seus “próprios padrões” como uma alternativa a sobrevivência.

Na própria trama do comércio varejista de drogas ilícitas, é comum os jovens que se aproximam dessa prática verbalizarem, de imediato, o anseio pelos postos de gerência das chamadas biqueiras, sem conseguirem compreender a totalidade do intercâmbio dessa mercadoria em âmbito nacional e mundial. Para eles, o gerente representa a capacidade de aumento do poder de consumo, mesmo que limitado, o que para a juventude passa a ser identificado como alguém “rico” por possuir carro, moto e vestuários de “grife”, ainda que esteja longe das mercadorias que a classe média e alta consoma.

No que tange a essa especificidade da juventude pobre selecionada pelo Sistema Penal pela prática do comércio de drogas<sup>5</sup>, apesar de almejarem os postos de gerência como qualquer outro trabalhador que disputa inserção em espaços de trabalho, possuem a particularidade de nem sempre reconhecerem sua ação como trabalho (mesmo que haja turnos, pagamentos, responsabilidades, etc.), e logo não se identificarem enquanto pertencentes a classe trabalhadora. Ao mesmo tempo, demonstram desejo em atuarem no mercado formal, coexistindo as expectativas que se movem entre a prática ilícita e o anseio em ter o primeiro contrato formal, sendo este último a prioridade que logo se frustra em decorrência do contexto de desemprego estrutural e de precarização do trabalho.

Impossibilitados de experienciar atividades de trabalho com garantias protetivas,

---

<sup>5</sup> Sobre tal, Ver FERFMANN (2006), *Vidas arriscadas - O cotidiano dos trabalhadores do tráfico*, e MALAGUTTI (2003), *Díficeis ganhos fáceis- drogas e juventude pobre no Rio de Janeiro*.

## ESCRITOS ANTIPUNITIVISTAS SOBRE EDUCAÇÃO E CONSCIÊNCIA NA EXPERIÊNCIA DA COOPERATIVA ARTE MARGINAL

provoca a distância a sociabilidades coletivas comuns no mundo do trabalho, e avança à construção de uma cultura individualista e, por vezes, de não reconhecimento enquanto parte da classe trabalhadora. Afirmar tal ideia não representa romantizar as relações e os espaços de trabalho capitalistas, já que sabemos de sua característica alienante; nem mesmo representa indicar que o núcleo das relações bárbaras se encontra na sociabilidade daqueles que não conseguiram vender sua força de trabalho em locais de maior garantismo de reprodução em virtude de uma suposta proteção legal. Mas é certo que o aumento da precariedade da vida corresponde a intensificação da própria precariedade às respostas aos dilemas cotidianos para garantir a mínima sobrevivência, logo, tem-se à precariedade ao dar consciência a própria vida.

Em outras palavras, há base material na alienação, que corresponde a expropriação do trabalhador, tanto em seu aspecto de expropriação salarial (mais-valia) como em referência às demais expropriações que ocorrem nas várias dimensões da vida da população (o não acesso à educação, saúde, cultura de qualidade, etc.). Sendo assim, quanto maior a aparência da fragmentação da classe – no espaço das relações de trabalho e da vida social -- maior a possibilidade de desorganização da consciência.

Engels, em sua juventude, produziu um estudo sobre a condição da vida dos trabalhadores, publicado em 1845, resultando na obra *A Situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. Articulando suas observações com dados oficiais sobre os temas em torno da precariedade da habitação, saúde, educação, do alto índice de mortalidade infantil, dentre outros, o autor pôde problematizar não apenas a dimensão material do modo de viver dos trabalhadores, mas também os aspectos morais e espirituais de sua formação.

A educação moral, que não é oferecida aos operários nas escolas, não lhes é propiciada em nenhum outro momento de sua vida – nem mesmo aquela educação moral que, aos olhos da burguesia, tem algum valor. A posição social e o meio ambiente do operário incitam-no fortemente à imoralidade. Ele é pobre, sua vida não tem atrativos, quase todos prazeres lhe são negados, os rigores da lei para ele não são nada de terrível; então, por que ele deveria refrear seus desejos, por que deveria deixar ao rico o gozo de seus bens sem apropriar-se de parte deles? Quais são as razões que o operário tem para não roubar? (ENGELS, 2015, p. 154)

Localizadas as particularidades das distintas formações da sociedade capitalista entre

## ESCRITOS ANTIPUNITIVISTAS SOBRE EDUCAÇÃO E CONSCIÊNCIA NA EXPERIÊNCIA DA COOPERATIVA ARTE MARGINAL

Inglaterra e Brasil, e de seus tempos históricos, notam-se semelhanças no que tange às precárias condições de reprodução da vida dos trabalhadores, e que é certo que tomadas as proporções de intensificação da violência, caracterizado pelo colonialismo, a situação dos brasileiros é ainda marcada por maiores contradições, na qual a juventude pobre criminalizada é atingida.

A juventude criminalizada é permanentemente estigmatizada pela sociedade como um todo, a qual, diante do estranhamento, não se reconhece na extensão daqueles que estão encarcerados/criminalizados, e vice versa, caracterizando um cenário de “guerra de todos contra todos”. As mídias policiais, pautadas no pensamento conservador, disseminam o senso comum criminológico, contribuindo para a fragmentação da classe a partir da dicotomia entre “bem” e “mal”, consolidando o status de “cidadão de bem”.

O trecho introdutório sobre a vida de Alexandre a respeito das inúmeras torturas sofridas é facilmente aclamado pela população como expressão da justiça sendo concretizada. O discurso do “bandido bom é bandido morto” é a representação também da não identificação da juventude criminalizada enquanto classe trabalhadora por parte dos próprios trabalhadores, o que oferece dilemas à formação da unidade da identidade de classe.

A preocupação sobre a formação da consciência e da identidade de classe dos trabalhadores, em especial da juventude, diante de conjunturas de empobrecimento e violências, também foi alvo de inúmeros debates entre os pedagogos da Rússia bolchevique, durante os momentos revolucionários de 1917, já que para a nova sociedade era preciso novos valores. Portanto, para darmos continuidade as reflexões sobre a formação da consciência, articularemos com a experiência da pedagogia socialista de Makarenko.

### 2.1. Processo educativo e consciência na experiência da Colônia Gorki

Anton Makarenko vivenciou a experiência educativa com jovens criminalizados durante o período da Revolução Russa, ocupando o cargo de diretor da Colônia Gorki<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> O nome Colônia Gorki foi em homenagem a Máximo Gorki, escritor, membro do partido comunista e do Comissário do Povo, em 1918.

## ESCRITOS ANTIPUNITIVISTAS SOBRE EDUCAÇÃO E CONSCIÊNCIA NA EXPERIÊNCIA DA COOPERATIVA ARTE MARGINAL

durante os anos 1920 a 1927, e após a Colônia Dzerjinski, até 1935.

Os jovens que compunham a colônia Gorki eram órfãos e/ou envolvidos com prática delituosa. Vivendo na precária Rússia, em tempos de grandes dificuldades em virtude das lutas travadas pela Revolução, os jovens eram ainda formados pela sociabilidade da vida nas ruas. Brigas violentas, consumo abusivo de bebidas alcoólicas, vícios com jogos de cartas com apostas em dinheiro ou em mercadorias, baixa ou nula escolaridade, além da própria pobreza material – maltrapilhos, sem acesso a alimentação.

O objetivo de Makarenko era contribuir com a formação de novos sujeitos que carregassem valores fundamentais à nova sociedade que vinha se forjando. É no cerne da luta de classes que os educandos vão se construindo junto com as experiências metodológicas dos educadores, as quais se pautavam em uma educação da coletividade, através de processos autogestionários. Para Makarenko (2006):

Só se pode formar o caráter mediante a participação prolongada da pessoa na vida de uma coletividade corretamente organizada, disciplinada, forjada e orgulhosa de si mesma. Mas organizar uma experiência deste gênero significa obrigatoriamente se arriscar. (MAKARENKO, 2006, p. 380)

Makarenko logo notou que seu instrumento de atuação era o concreto, e que a partir da realidade que se poderia refletir e produzir uma teoria que contribuísse com o desenvolvimento do trabalho educativo. Sem negar os estudos, notou que a urgência estava em, naquele momento, fechar os livros já tão lidos e observar as ações cotidianas. Não seriam fórmulas que resolveriam os conflitos, mas sim uma análise apurada das particularidades de cada momento e das intervenções realizadas. Sua práxis foi o que possibilitou produzir uma metodologia educacional. Sobre isso, Makarenko diz:

Quanto a mim, o resultado principal dessas leituras foi uma convicção firme, e, subitamente, não sei por que, fundamental, de que nas minhas mãos não existia nenhuma ciência nem teoria nenhuma, e que a teoria tinha de ser extraída da soma total dos fenômenos reais que se desenrolavam diante de meus olhos. No começo eu nem sequer compreendi, mas simplesmente vi que eu precisava não de formulas livrescas, as quais não poderia aplicar aos fatos de qualquer maneira, mas sim de uma análise imediata e uma ação não menos urgente. (MAKARENKO, 2012, p. 22)

## ESCRITOS ANTIPUNITIVISTAS SOBRE EDUCAÇÃO E CONSCIÊNCIA NA EXPERIÊNCIA DA COOPERATIVA ARTE MARGINAL

Com o propósito de construir um *novo homem*, o homem necessário para a nova sociedade socialista, Makarenko organizou experiências concretas para que essas pudessem ser disparadoras para forjar um novo modo de ser e pensar o mundo. A formação da consciência para o pedagogo estava diretamente relacionada com a prática do trabalho para que produzisse instrumentos e mercadorias que auxiliassem a sanar suas necessidades primeiras, produzindo valor de uso, bem como relacionada aos espaços coletivos, de construção do pensamento e das tomadas de decisões. Foi articulando as urgências materiais com a evolução da subjetividade dos jovens que a Colônia Gorki e Dzerjinski tiveram seu mérito. Ou seja, foi a partir da luta de classes direta, vivida em um contexto de duras lutas travadas em defesa do socialismo, que Makarenko e os colonistas foram construindo a experiência pedagógica socialista.

Como Marx e Engels desenvolveram em *A Ideologia Alemã*, a consciência é produto da realidade, a qual para o contexto dos jovens da Colônia Gorki se realizava pelo trabalho para a sobrevivência do coletivo e, nessa experiência, a possibilidade de construir formas novas de reprodução da vida. Essa perspectiva pedagógica se contrapunha ao que pedagogos idealistas pregavam, os quais para Makarenko construíam o fazer pela abstração, indicando inclusive que as mudanças de valores estariam no campo da transformação cultural. Quanto a isso, Marx e Engels nos auxilia retomando o debate sobre consciência ao afirmarem que:

Todas as formas e todos os produtos da consciência não podem ser dissolvidos por força da crítica espiritual, pela dissolução na “autoconsciência” ou pela transformação em “fantasmas”, “espectros”, “visões”, etc. – mas só pode ser dissolvidos pela derrocada prática das relações reais onde emanam estas tapeações idealistas; não é a crítica, mas a revolução a força motriz da história, assim como da religião, da filosofia e de qualquer outros tipo de teoria. (MARX e ENGELS, 1999, p. 58)

Se, como salienta Marx e Engels, “a causa não está na *consciência*, mas no *ser*. Não no pensamento, mas na vida; a causa está na evolução e na conduta empírica do indivíduo que, por sua vez, dependem das condições universais”, para que haja mudanças na maneira de pensar sobre o mundo exige-se, necessariamente, transformações em relação ao modo de estar nele. Com o trabalho como centralidade da pedagogia de Makarenko, aliado às Assembleias

## **ESCRITOS ANTIPUNITIVISTAS SOBRE EDUCAÇÃO E CONSCIÊNCIA NA EXPERIÊNCIA DA COOPERATIVA ARTE MARGINAL**

Gerais, ao Conselho de Comandantes, aos destacamentos, se experienciou a coletividade através das ações práticas necessárias ao desenvolvimento da vida, desde as dimensões de suprir as urgências materiais às dimensões estéticas, culturais.

A educação integral foi o que contribuiu para o êxito da prática Gorkiana, com saltos nas mudanças entre os jovens de se compreenderem não apenas enquanto classe, mas também como sujeitos revolucionários.

### **3. O DEBATE DA CONSCIÊNCIA E COLETIVIDADE NA EXPERIÊNCIA DA COOPERATIVA ARTE MARGINAL**

Desenvolver um trabalho educativo junto aos adolescentes criminalizados em cumprimento de medida socioeducativa em meio aberto na cidade de São Paulo não confere desafios e limites apenas à consolidação de experiências inovadoras na relação com os adolescentes, mas também às próprias condições objetivas das relações contratuais dos trabalhadores e das dimensões orçamentárias dispostas para o desenvolvimento do trabalho. A expansão da política de privatização representa a entrega da execução de trabalhos de responsabilidade do poder público às organizações não governamentais e às filantropias empresariais. ABREU (2012) afirma:

A denominada filantropia empresarial, intensificada na sociedade brasileira e no mundo dos anos 80, apresenta-se como objetivação de respostas do empresariado aos apelos de solidariedade no enfrentamento da pobreza, mas, na realidade, não passa de mais uma forma de privatização dos serviços sociais com vantagens econômicas, políticas e sociais para o patronato. Trata-se, predominantemente, do desenvolvimento de atividades assistenciais frente às pressões dos trabalhadores por estes serviços e benefícios sociais e às próprias necessidades do capital. (ABREU,2012, p. 198)

A terceirização e precarização, característica central do capitalismo monopolista, modificam as relações objetivas e as dimensões subjetivas, como já descrito, e determinam a intensificação das disputas sobre a função pedagógica dos assistentes sociais, tendências pelos espaços institucionais a cumprirem o papel de controle da classe trabalhadora.

## ESCRITOS ANTIPUNITIVISTAS SOBRE EDUCAÇÃO E CONSCIÊNCIA NA EXPERIÊNCIA DA COOPERATIVA ARTE MARGINAL

Os limites apresentados nos espaços ocupacionais na atualidade exigem uma ética comprometida com um projeto emancipatório para a sociedade, que os supere e consolide experiências que se iniciem nas mediações das relações da política de assistência, mas que as extrapolam e deem continuidades na organização de espaços de auto organização da classe. BARROCO (2010) apresenta a experiência de vida de Makarenko como exemplo da formação do *ethos revolucionário*, que garante “o direcionamento para um projeto coletivo, para ideais humano-genéricos voltados a emancipação humana” (BARROCO, 2010, p. 182).

Ainda que na sociedade capitalista não se possa alcançar uma consciência e uma ética revolucionária por inteiro, é possível ter o embrião dela, construindo um germe disposto a destruir a sociedade burguesa. (IASI, 2011, p.42)

A cooperativa Arte Marginal dispões- se a esta tarefa de ser uma escola para a revolução. Organizada pelos adolescentes criminalizados, inicialmente atendidos pelo serviço de medida socioeducativa em meio aberto da capital de São Paulo, a cooperativa representou a materialização de uma experiência pedagógica à superação da cultura dominante e elaboração dos germes de uma nova cultura. Sua característica primeira revela a própria história da disputa da função pedagógica dos assistentes sociais, já que a Organização da Sociedade Civil (OSC) executora da referida política pública tem sua origem na formação Franciscana, pela via da Teologia da Libertação, movimento social de forte influência à organização política da classe trabalhadora, que através das Comunidade Eclesiais de Base conseguia reunir moradores do bairro para a leitura bíblica e discussão à luz das experiências de vida (LOWY, 1991,p. 46).

Ainda que contraditória, a construção da experiência profissional dentro de um contexto de terceirização das políticas públicas e com relação com uma organização vinculada a igreja católica não impossibilitou que o projeto profissional comprometido com o código de ética pudesse ser realizado, passando pelas frestas da institucionalidade.

A cooperativa Arte Marginal foi iniciada em 2016, com o objetivo de ser instrumento à formação da construção da identidade de classe e, portanto, da consciência crítica, foi organizada pelos adolescentes e assistentes sociais.

## ESCRITOS ANTIPUNITIVISTAS SOBRE EDUCAÇÃO E CONSCIÊNCIA NA EXPERIÊNCIA DA COOPERATIVA ARTE MARGINAL

Ela surgiu pelo desejo dos próprios adolescentes após uma situação-conflito. Em passeio realizado junto com os adolescentes para um parque ecológico, alguns deles teria furtado pertences dos trabalhadores do local. Ao verem uma das salas do parque aberta, entraram e pegaram para si celulares, dinheiro e maços de cigarro. Com os registros do furto capturado pelas câmeras do local, o proprietário contatou a equipe e solicitou a devolução, dizendo que se não ocorresse abriria um boletim de ocorrência. Pedimos paciência, e explicamos que resolvemos a situação em conjunto com todos os adolescentes. Então, convocamos uma assembleia extraordinária para tratar do caso. Elaboramos diversas formas para mediar a situação, tentando propor para que os responsáveis se colocassem sem que pudesse os expor aos outros adolescentes. Não tivemos sucesso. Então demos continuidade às reflexões junto com todos os que tinham ido ao passeio e tratamos dos prejuízos coletivos causados pela situação. Colocamos que teríamos que juntos buscar uma solução. Foi então que propomos para que eles realizassem a venda das camisetas de uma associação parceira, e com os valores arrecadados das vendas pudéssemos ressarcir os trabalhadores que foram prejudicados. Todos os adolescentes aceitaram a proposta, exceto um deles. Começamos a fazer as vendas em universidades, palestras, seminários, circulando por diferentes regiões da cidade, o que possibilitou que eles acessassem inúmeros espaços e debates políticos. As vendas eram sempre um sucesso. Até que eles pediram: - *Tia, depois de pagarmos os b.o., você ensina a gente a fazer as camisetas pra gente vender pra gente?*

Assim a produção das camisetas ganhou corpo e somou-se ainda com a venda de livros da editora Expressão Popular. A produção de estamperia de camisetas com imagens de referência as lutas populares e a produção delas para movimentos sociais, conselhos de classe e demais grupos envolvidos com as lutas da classe trabalhadora, possibilitou o encontro dos jovens a uma nova cultura que reconhecia na própria existência a capacidade transformadora. As vendas das mercadorias produzidas eram realizadas em seminários, congressos, atos públicos e etc. que consolidaram um ambiente de unidade, aproximando-os do reconhecimento de si enquanto classe trabalhadora, e não mais enquanto “bandidos”.

O pensamento de Gramsci, que compõem os fundamentos teórico metodológicos do Serviço Social, alimentado de Marx e Engels, afirmaram que “os métodos de trabalho são

## ESCRITOS ANTIPUNITIVISTAS SOBRE EDUCAÇÃO E CONSCIÊNCIA NA EXPERIÊNCIA DA COOPERATIVA ARTE MARGINAL

indissoluvelmente ligados a determinado modelo de viver, de pensar e de sentir a vida; não é possível obter êxito num campo (cultura/consciência) sem obter resultados tangíveis no outro” (GRAMSCI,1976, p.396, citado por ABREU, 2012, p.29).

O trabalho, como elemento constitutivo do processo educativo, foi o centro da experiência, e aliado com espaços de reflexão (reuniões semanais de formação e de organização das demandas produtivas da cooperativa) criou condições de maior possibilidade à “consciência em si”. O reconhecimento enquanto membro de “grupo de trabalho”, inserido em todas as fases das decisões produtivas, fortaleceu a formação da subjetividade enquanto grupo, afastando-se, gradativamente, de valores individualistas, abrindo campo para discussão de alternativas a resolução coletivas dos problemas pessoais de cada membro. O espaço, portanto, deixou de ser apenas o local do trabalho, mas se tornou também o local de organização da vida a partir de princípios decididos e discutidos coletivamente, resgatados sempre que situações de conflitos emergiram e criando saídas criativas. A partir do registro em ata de reunião da cooperativa, observamos os princípios:

**Fica quem trabalha** – Na cooperativa não deve existir relação de exploração. É trabalhador da cooperativa quem contribui com a sobrevivência da cooperativa, compõe os eventos para vender camisetas e respeitar os princípios da cooperativa;

**Inserção de outros meninos** – Respeitando os princípios da cooperativa, devemos ter sensibilidade para com os meninos que estão precisando de apoio, independente se é um menino com a “mente organizada” ou não. Devemos ter um olhar de compreensão e solidariedade;

**Não terceirizar o trabalho** – Não delegar para terceiros a responsabilidade que é somente dos participantes da cooperativa. Caso falte gente para ajudar no trabalho, devemos consultar um ao outro para pensarmos numa solução;

**As decisões devem ser coletivas** – Por mais que tenha boa intenção, todas as decisões devem passar pela ciência de todos os envolvidos; a reunião é o espaço de decisão. (ATA DA REUNIÃO DA COOPERATIVA, datada de julho/2017).

É no coletivo que se possibilita desenvolver as potencialidades individuais em prol da responsabilidade com o grupo que o cerca. Ao estudar as obras do pedagogo ucraniano, LUDDERMAN (2006) aponta que:

*Serviço Social & Realidade, Franca, v. 32, 2023.*

## ESCRITOS ANTIPUNITIVISTAS SOBRE EDUCAÇÃO E CONSCIÊNCIA NA EXPERIÊNCIA DA COOPERATIVA ARTE MARGINAL

[a coletividade] Não é simplesmente um conjunto, um grupo de indivíduos em interação... A coletividade é um complexo de indivíduos que tem um objetivo determinado, estão organizados e possuem organismos coletivos. São conscientes, devem discutir esse projeto e se responsabilizar por ele, passo a passo. (LUEDEMANN, 2006, p. 151)

A experiência da cooperativa corresponde com o que Gramsci aponta quanto aos três graus da formação da consciência política. O primeiro refere-se à solidariedade entre os envolvidos no grupo. No caso dos adolescentes, membros da cooperativa Arte Marginal, a solidariedade passou a ser manifestada espontaneamente pelos membros após um ano, quando conseguiam colocar-se no lugar dos membros mais fragilizados e dos outros que desejavam entrar ao grupo, e se encontravam em situação de extrema dificuldade econômica e emocional. O grupo optou por priorizar a entrada para o coletivo daqueles que estivessem em situações problema de maior grau, mesmo que apresentassem indisciplina ou ações mediadas por valores desumanizadoras. O coletivo dizia que eles que já estavam conseguiram se organizar, então era possível contribuir para a organização daqueles considerados “problema” Houve, assim, a sensibilidade para com a condição do outro, adentrando ao coletivo adolescentes anteriormente negados.

O segundo aspecto quanto a formação da consciência, abordado por Gramsci, “trata-se da consciência da solidariedade de interesse ainda limitada ao campo econômico; e o terceiro, o mais político, configura a consciência da solidariedade entre os diversos grupos subordinados, traduzida na unicidade dos fins econômicos e políticos e na unidade intelectual e moral, cuja culminância é a formação de partidos” (ABREU, 2012, p. 133). Tais graus ainda não foram apresentados na experiência da cooperativa, visto que ainda mantém relação com outros poucos grupos organizados para qualificar o reconhecimento de outros setores.

Há uma linha tênue na experiência dos trabalhos pedagógicos desenvolvidos na cooperativa, que beira entre a construção de espaços político emancipador e de espaço “cooperativo”/“participativo”, a qual esta última acaba garantindo a própria manutenção e fortalecimento do capitalismo. O aspecto tênue entre elas só se reverte ao haver um projeto político pedagógico claro e instâncias decisivas de racionalização da prática na relação conjuntural. Ou seja, os espaços cooperativos só podem assumir sua função pedagógica

## ESCRITOS ANTIPUNITIVISTAS SOBRE EDUCAÇÃO E CONSCIÊNCIA NA EXPERIÊNCIA DA COOPERATIVA ARTE MARGINAL

emancipadora quando aliadas a espaços decisórios que garantam a formação política teórica dos envolvidos e que passem a se imbricar em outros agrupamentos de luta.

Durante as saídas dos adolescentes para venda das mercadorias em seminários e congressos é comum a surpresa e admiração do público pela dimensão da “geração de renda” que a cooperativa possibilita, o que denota a fragilidade da leitura dos demais profissionais em relação ao papel politizador da profissão. Os próprios adolescentes se apressaram em informar que a cooperativa, na verdade, caracterizava-se não como centralidade na renda diária, mas sim na possibilidade de conhecer novos lugares e ter novas experiências, reflexões desenvolvidas ao longo das reuniões e compreendidas por todos o real significado do grupo.

As dificuldades da atualidade se dão justamente pelo pouco cenário de mobilizações populares que possam ser o “ar” respirado pelos adolescentes, diferentemente dos tempos da experiência Gorkiana, na qual era visível a relação de sua prática com os interesses revolucionários. Por isso, o que podemos afirmar sobre a experiência refere-se a elementos concretos sobre as transformações no âmbito da construção de novos valores, da politização de suas condições de vida e do redirecionamento das vidas dos adolescentes para defesas humanistas, avanço que certamente não seria possível ser alcançado sem a construção de ações concretas que levassem à reflexão e mudança de tais postura pela realização prática. A cooperativa cumpriu o seu papel como espaço de ação coletiva capaz de reconhecer em conjunto os problemas vivenciados e procurar altera-los também coletivamente. Como Iasi (2011) afirma, sobre o papel das ações coletivas para a formação a consciência em si:

A ação coletiva coloca as relações vividas num novo patamar. Vislumbra-se a possibilidade de não apenas se revoltar contra as relações predeterminadas, mas altera-las. Questiona-se o caráter natural dessas relações e, portanto, de sua inevitabilidade. A ação dirige-se, então, à mobilização dos esforços do grupo no sentido da reivindicação, da existência para que se mude a manifestação da injustiça. (IASI, 2011, p. 29)

Em nossa experiência pudemos observar que não seriam atendimentos, grupos ou quaisquer outras ações meramente discursivas-reflexivas que consolidariam as mudanças, mas sim a intensidade das ações coletivas que deram base real para a modificação da cultura. Quanto a isso, Makarenko nos alerta:

*Serviço Social & Realidade, Franca, v. 32, 2023.*

## ESCRITOS ANTIPUNITIVISTAS SOBRE EDUCAÇÃO E CONSCIÊNCIA NA EXPERIÊNCIA DA COOPERATIVA ARTE MARGINAL

Só se pode formar o caráter mediante a participação prolongada da pessoa na vida de uma coletividade corretamente organizada, disciplinada, forjada e orgulhosa de si mesma. Mas organizar uma experiência deste gênero significa obrigatoriamente se arriscar. (MAKARENKO, 2006, p. 380)

### CONCLUSÃO

Em suma, uma análise marxista sobre a formação da consciência e a construção da identidade de classe nos auxilia a compreender os processos de alienação e estranhamento da formação capitalista contemporânea e dos aspectos presentes na consciência de classe da juventude criminalizada, relacionados diretamente com o desenvolvimento das forças produtivas e a divisão social do trabalho. É através das histórias dos vários Alexandres que é possível dar unidade global ao contexto de aniquilamento da juventude filha da classe trabalhadora, seja do ponto de vista material como do ponto de vista espiritual, que acabam por cair em margens de não reconhecimento de si enquanto sujeitos históricos pertencentes a uma história comum que une nas dificuldades e nas aspirações de luta pela existência.

Em cenário de intensificação da pauperização, tende-se a consolidar consciências também degeneradas, as quais, entre a juventude criminalizada, assimilam facilmente não apenas a ideologia burguesa, mas também o discurso e valores do lumpesinato burguês.

As alternativas de mudança desse cenário estão no travamento das lutas de classes concretas, a partir de experiências vivas, que possibilitem concatenar mudanças, mesmo que embrionárias nas formas de produzir e reproduzir a vida a partir da coletividade.

Consolidar experiências que contribuam com a construção da identidade de classes com jovens criminalizados torna-se tarefa árdua na contemporaneidade, o que cabe também investir na luta da classe como um topo para que defendamos essa parcela da população também como pertencentes a classe trabalhadora. Além disso, os problemas enfrentados estão na própria dinamização histórica, pois são poucos os espaços orgânicos de lutas, os quais são imprescindíveis à formação política. É apenas nos processos de luta de classes organizada que há possibilidades de aumento nos êxitos do avanço da consciência em si em consciência para

## ESCRITOS ANTIPUNITIVISTAS SOBRE EDUCAÇÃO E CONSCIÊNCIA NA EXPERIÊNCIA DA COOPERATIVA ARTE MARGINAL

si, e assim mantermo-nos à defesa da humanidade como um todo.

### REFERÊNCIAS

- ABREU, M. **Serviço Social e a organização da cultura: perfis pedagógicos da prática profissional**. São Paulo. Editora Cortez. 2012.
- ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho?** São Paulo, Editora Cortez. 2015.
- ENGELS, F. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. São Paulo. Editora Boitempo. 2015.
- GÓES, W. **Racismo, eugenia no pensamento conservador brasileiro: a proposta de povo e Renato Kehl**. Dissertação Mestrado em Ciências Sociais. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, campus de Marília. 2015.
- LOWY, M. **Marxismo e teologia da libertação**. São Paulo. Editora Cortez. 1991.
- MARX, K e ENGELS, F. **A ideologia Alemã**. São Paulo. Editora Boitempo. 2017.
- MAKARENKO, A. **Poema Pedagógico**. São Paulo. Editora 34. 2012.
- SILVA, G. (org). **Quebrando as Grades: liberdade incondicional**. São Paulo. S.N. 2017.
- IASI, M. **Ensaio sobre consciência e emancipação**. São Paulo. Expressão Popular. 2011